

Jornalismo e Biografia: Reflexões sobre a Verdade e o Tempo¹

Raissa Nascimento Dos Santos²
Ronaldo Menezes³
Claudio Cardoso Paiva⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

O presente artigo reflete sobre as características – proximidades e peculiaridades - do jornalismo e da biografia. Após, o debate teórico sobre conceitos como verdade e tempo em ambos os universos, a pesquisa se propõe a apresentar o produto, o livro-reportagem: A Fé do Interior – Uma história de coragem do povo nordestino. A obra narra à vida de quatro gerações de uma família no agreste pernambucano que lutam para vencer a principal batalha que a vida os oferece, a seca que castiga a região. Ao longo da narrativa, tecida através do jornalismo literário, novas batalhas são apresentadas da vida deste povo valente, resgatando mais de um século de história.

Palavras-chave

Jornalismo; Biografia; Jornalismo Literário; Novo Jornalismo.

1. Introdução

A arte de contar histórias sempre esteve presente nas relações humanas. É uma tradição universal. Narrar os acontecimentos do dia rapidamente, se tornou ação profissional dos jornalistas. Como a própria origem da palavra revela e assim explica Hunter (1988: 499):

Podem ser encontradas referências ao termo '*journalist*' a partir de 1693 para nomear aquela pessoa que escrevia na imprensa assuntos do cotidiano, enquanto o termo '*journalism*' parece ter surgido na língua inglesa a partir de 1833. Outro aspecto é a etimologia desses dois termos: na língua inglesa, eles surgem para dar conta de nomear uma preocupação ou vinculação com as coisas contemporâneas, corriqueiras e cotidianas que caracterizam a cultura daquele período. Na língua francesa, '*jour*' (dia) torna-se a raiz de palavras como

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora da disciplina de Redes Sociais e Mídias Digitais do Instituto Brasileiro de Gestão & Marketing (Faculdade IBGM / IBS). E-mail para contato: raissa.nascimento.santos@gmail.com

³ Especialista em Marketing e Publicidade (UNINASSAU), Pós Graduando em Jornalismo Empresarial e Assessoria de Imprensa (ESTÁCIO DE SÁ), Licenciado em Música(UFPE) e Coach pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBCOACHING). E-mail para contato: contato@ronaldomenezes.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências Sociais, professor Associado ao Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB, e-mail: claudiocpaiva@yahoo.com.br

'journalist', 'journalism', 'journal' e 'journey'. Isto significaria recuperar sentidos originais e iniciais destes termos: *'journey'* designando um dia de viagem, e *'journal'* referindo-se a um relato público de eventos diários ou mesmo relatos privados de detalhes pessoais da vida diária; ambos enfatizando a centralidade de uma consciência temporal sobre o momento presente (HUNTER, 1988, p. 499).

Na narrativa jornalística existem diversas possibilidades de estilo. O presente artigo irá se debruçar no gênero do jornalismo literário, que teve início com a cobertura de guerras. Lima (2014: 37) conta em sua obra “Jornalismo Literário para Iniciantes”, os primórdios do novo gênero jornalístico, entre os anos de 1861 e 1865⁵:

Um dos primeiros a fazer isso foi William Howard Russell, um irlandês que escrevia para o famoso jornal inglês The Times. Russel, que já havia tido a experiência de cobrir uma guerra – a da Crimeia, entre 1853 e 1856 -, foi enviado para cobrir a guerra civil americana. (...) Os relatos de Russell deram-lhe prestígio, pelo modo realista como descrevia o que acontecia (LIMA, 2014, p. 37).

Unir as técnicas literárias ao ofício jornalístico de contar histórias também iniciou no Brasil com a cobertura de guerras. Quando em 1897, o repórter do jornal o Estado de São Paulo Euclides da Cunha embarcou com a tropa do Exército Brasileiro para a Bahia com o objetivo de narrar a Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro. Como revela Lima (2014: 44) “os leitores do jornal não sabiam, mas estavam testemunhando a primeira manifestação de jornalismo literário no Brasil, nessa versão primitiva, mas importante historicamente pelo seu pioneirismo”.

Seus textos tinham dramaticidade e autoria. Em lugar de limitar-se aos fatos, procurava compreender as linhas subterrâneas de forças que tinham moldado o episódio de Canudos. Queria compreender a psicologia dos sertanejos, os seguidores de Conselheiro, procurando estabelecer uma ligação determinante entre seu temperamento e as condições geográficas do local. (...) Enquanto os demais correspondentes limitavam-se a acompanhar a tropa, ouvindo apenas seus comandantes e os líderes republicanos que apoiavam a expedição militar, Euclides foi aos poucos abandonando a visão oficial do episódio, passando a pesquisar por conta própria, a observar muito, a interagir com os sertanejos, produzindo uma narrativa realista que colocava em perspectiva um contexto ambiental, histórico, político e social, tudo apoiado por personagens tragicamente reais (LIMA, 2014, p. 44).

Com o passar dos anos, o gênero do novo jornalismo, como também ficou conhecido o novo estilo de narrativa jornalística, foi conquistando o público e os

⁵ LIMA (2014: 68) conta a origem do novo termo: “O nome jornalismo literário – cunhado nos estados Unidos na década de 1930 -. (...) Na década de 1960, uma nova geração de profissionais norte-americanos da imprensa (...) passam a praticá-lo com sucesso popular cada vez maior gente como Gay Talese, Tom Wolfe, Joan Didion, Jimmy Breslin. A esse rol juntam-se dois escritores de ficção, um de grande renome que resolve escrever jornalismo, Norman Mailer, e outro que já praticara um pouco da arte de não ficção, Truman Capote.” (LIMA, 2014, p. 68).

jornalistas passaram a utilizar mais da arte literária e da técnica que utiliza da metodologia sociológica da observação participante, como comenta Lima (2014: 69):

Nessa década (1930), em que os Estados Unidos vivem a Grande Depressão, o Governo implanta programas de pesquisa para diagnosticar a real situação de pobreza extrema que assola a população. Muitos desses programas contratam jornalistas e escritores para retratarem narrativamente a realidade, condição indispensável para o governo tomar medidas de solução. Em campo, esses escritores trabalham muitas vezes com sociólogos, absorvendo então a técnica, cujo princípio pode ser simplificado de um modo bem direto: o autor só consegue conhecer bem a realidade se mergulha nela sem reservas, atento, vivendo a vida das pessoas e dos grupos sociais que habitam aquele local. Tenta deixar de fora seus preconceitos. Fica um bom tempo por lá. Come a comida dos seus personagens, passa pelas mesmas experiências, segue a rotina de vida e enfrenta seus desafios do dia a dia do mesmo jeito que eles. E fica focado para descobrir, nas relações entre eles, os padrões de valores, comportamento, hábitos que o permitam compreendê-los. Então escreve e conta a história deles, enxergando a situação, tanto quanto possível, com o olhar desses grupos sociais.

O presente artigo “Jornalismo e Biografia: reflexões sobre a Verdade e o Tempo” investiga no primeiro capítulo o campo da biografia sob o olhar de teóricos como Sérgio Vila Boas (2008) e Sims (1984) que foram utilizados como referência na pesquisa bibliográfica. No segundo capítulo, aproximam-se os campos do jornalismo e da biografia como duas áreas irmãs e conceitos como a Verdade e o Tempo são refletidos a partir do debate teórico com autores consagrados de ambos os segmentos: Gabriel Garcia Márquez (1997) e Franciscato (2005), no campo do jornalismo, e Luiz Viana Filho (1945) e Werneck (2014), contribuem com os conhecimentos da biografia.

2. Jornalismo e Biografia

O perfil do profissional em jornalismo investigativo apresenta como diferencial estar atento às especificidades das narrativas da vida privada, da vida pública, as modalidades das relações socioeconômicas, políticas, éticas e culturais. Diante das diversas possibilidades do jornalismo, as biografias⁶ tem sido terreno fértil para profissionais que ousam se desafiar. Sérgio Vila Boas na obra *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida* (2008:204) identifica a matéria-prima comum para o exercício

⁶ Para compreender a raiz da palavra biografia recorremos a explicação de Borges (2006: 204): “A origem da palavra biografia “do grego bios=vida e graphein= escrever, inscrever, acrescido de ia, um formador de substantivo abstrato. No mundo antigo, o termo biografia como “relato de vidas” parece ter ocorrido pela primeira vez em Damásio, cerca de 500 d.C. Na língua francesa, o termo aparece somente no Dictionnaire de Trévoux, em 1721, Emile Littré, no Dictionnaire de la langue française (1800-1801), definiu: “biografia: espécie de história que tem por objetivo a vida de uma só pessoa”” (BORGES, 2006, p. 204).

biográfico: “as fontes de um biógrafo são idênticas às de um historiador ou de um jornalista investigativo para periódicos ou em seu próprio livro-reportagem”.

O biografismo, com os jornalistas, passou a mexer em outras coisas além de arquivos consagrados e classificados – documentos da Biblioteca Nacional, por exemplo, tinham enorme status ente historiadores e acadêmicos (...) O jornalismo contribui com o biografismo não apenas com técnicas de narrar, mas também no modo de pesquisar, de buscar circunstâncias (VILAS BOAS, 2008, p. 116-117).

Pela proximidade do *know-how* da matéria-prima utilizada na coleta biográfica, o jornalismo encontrou neste nicho espaço e terreno fértil para incorporar técnicas do Jornalismo Literário⁷ e do *New Journalism* na apresentação do produto final: a biografia⁸. Como VILAS BOAS (2008: 195) descreve “as formas de apresentação no texto biográfico da voz autoral⁹ que persevera e continua sendo eventualmente utilizada pelos biógrafos contemporâneos: descrições minuciosas, diálogos e construções cena a cena”.

Em Jornalismo Literário sempre me referi a humanismo nos seguintes termos: tratar os seres humanos como genuínos protagonistas de histórias reais; compreender suas vivências; elevá-los a uma posição “superior” em relação às estatísticas (...) Uma das qualidades do melhor *New Journalism* era exatamente a transparência (...) Tom Wolfe, um dos expoentes dessa fase histórica do Jornalismo Literário, sugeriu que o *New Journalism* exigia construção cena a cena, imersão, pontos de vista variáveis e detalhamentos de “estilos de vida” (*lifestyles*). Cerca de vinte anos depois, em meados da década de 1980, Norman Sims detectou, por meio de entrevistas, que a primeira geração de *literary journalists* pós-*New Journalism* havia ampliado esse conjunto de características marcantes. Na nova lista de Sims, os entrevistados incluíam exatidão, estrutura, voz autoral, responsabilidade e uso de metáforas, além daquelas outras características apontadas por Tom Wolfe (VILAS BOAS, 2008, p. 182-183).

Sims (1995: 19) aprofunda a discussão ao afirmar que “jornalistas literários são atravessadores de fronteiras em busca de uma perspectiva mais profunda sobre nossas vidas e épocas” e aponta o compromisso autoral com elementos além do jornalismo de

⁷ Vilas Boas (2008: 65) explica sobre “O Jornalismo Literário (JL) é modalidade de expressão do real centrada no ser humano. A pessoa – como indivíduo e como integrante de grupos sociais – é o cerne, a razão de ser, o compromisso do jornalista-autor que produz esse tipo de matéria. Daí a humanização (humanismo) como um dos alicerces para a Literatura da Realidade. Significa fugir dos estereótipos sociais e conceituais aplicados a pessoas com o objetivo de humanizar, ou seja, trazer à condição humana as vivências de personagens reais. Esse compromisso é mais evidente em perfis e pesquisas com histórias de vida. Mas o ser humano, e a busca por compreendê-lo, é o foco em todo tipo de matéria e em toda editoria de todos os jornais e nas revistas que publicam matérias de Jornalismo Literário (também conhecido como Jornalismo Narrativo). E está presente de maneira marcante também em livros-reportagens, biografias e documentários audiovisuais”.

⁸ Vilas Boas (2008: 113) apresenta em seu texto: “James Boswell (1740-1795) é considerado o “pai” da biografia moderna. Ele trouxe à tona, no biografismo, um dos componentes vitais do Jornalismo Literário, que é a intimidade”.

⁹ Vilas BOAS (2008: 195) cita que “na escrita jornalística, foi essa “voz autoral” que deu visibilidade ao Jornalismo Literário na época do *New Journalism* (nos anos 1960)”.

noticiários apontando os princípios e métodos de outras áreas como a Sociologia, Antropologia, História e Literatura.

Autores com os quais conversei mais recentemente adicionaram ainda “envolvimento” e “criatividade artística”, algo não muito frequentemente associado com não-ficção. Gênero inovador ainda em progresso, o Jornalismo Literário resiste a definições estreitas (SIMS, 1995, p. 9).

No Brasil, o gênero da biografia contribuiu na formação da identidade nacional moderna do Estado Novo (1937-1945), como recapitula Werneck (2014: 17) “Lúcia Miguel Pereira¹⁰ (1901-1959) produz duas biografias de escritores brasileiros (Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico, de 1936; A Vida de Gonçalves Dias, de 1942)”:

Nas décadas de 30 e 40 há consenso entre a crítica e os editores sobre o valor intelectual e mercadológico das biografias. Tanto que não se discriminam os títulos do gênero em séries ou coleções à parte em seus catálogos. Biografias como as de Lúcia Miguel Pereira, já citadas, as de Octávio Tarquínio, que reconstituem vidas de políticos dos nossos primeiros anos de nação independente, estão lado a lado com estudos históricos, sociológicos e etnográficos publicados pelas coleções de obras de pesquisa sobre o Brasil, como a *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional, a *Documentos Brasileiros*, da José Olympio e a *Biblioteca Histórica*, lançada pela Livraria Martins. Muitos títulos que, ainda hoje, são reeditados pela Coleção *Reconquista do Brasil*, da Itatiaia. (...) Assim, a biografia teria uma eficácia didática especial, no momento em que o imaginário do país precisava de referências precisa para a construção de uma identidade nacional moderna. Seria o único gênero “capaz de fazer com que os brasileiros se interessem pelas figuras de sua terra” (WERNECK, 2014, p. 18).

Em meados de 1950, escrever biografias no Brasil encontra novos desafios, como aponta Werneck (2014: 18) “torna-se ofício de políticos-literatos e jornalistas-literatos que desejam o reconhecimento de seus pares para a consagração”. E descreve o trabalho dos biógrafos pela busca da novidade acerca do biografado: “um paciente trabalho de busca de informação nos arquivos e a uma laboriosa busca do depoimento de quem acompanhou de longe ou de perto a figura ilustre. O texto inédito (...) encontram novo suporte nas páginas das biografias¹¹”:

Parece interromper-se, assim, um ciclo de biografias que integram um projeto de forjar identidades formadoras da nacionalidade e da inteligência brasileira, imediatamente incorporadas a um movimento de expansão editorial, para se

¹⁰ Werneck (2014: 17) explica a visão de uma das primeiras biógrafas brasileiras: “Lúcia Miguel Pereira vê a biografia como uma forma de recreação, em que o biógrafo deve ter sensibilidade para se pôr no lugar dos homens do passado, que viverão no livro se forem gestados no espírito de quem os estuda. Buscar em seres extraordinários o seu lado humano, coligir documentos com arte (Pereira: 1994, 47). Essa a melhor fórmula para a biografia, cuja narrativa a ensaísta considera necessário aproximar-se da escrita do romance.”

¹¹ WERNECK, 2014, p. 18.

abrir um ciclo de biografias cuja autoria entra como cacife na disputa de prestígio intelectual, a ser reconhecido em instâncias de consagração artística como a Academia Brasileira de Letras (WERNECK, 2014, p. 19).

O biógrafo R. Magalhães Júnior¹² consagra-se com o estilo baseado na retificação de informações. Segundo Werneck (2014: 20) ele é “reconhecido como biógrafo, jornalista e dramaturgo, amalhando, em suas pesquisas, informações para tráfegar em vários ambientes intelectuais e tornar-se autor de fontes de consulta a serem retomadas e atualizadas nas décadas seguintes”.

Na década de 1990¹³, as biografias brasileiras, sinais visíveis de agressiva competição da indústria cultural, ganham espaço nas estantes das livrarias, recebendo também aprovação da crítica. Se nos anos 40 a biografia chegava ao Brasil com sabor de romance, se nas décadas seguintes encaminhou-se na direção da pesquisa documentarista, no último decênio do século assistiu-se à estabilização do gênero, que parece confiar no seu potencial de escrita particular, reconhecida como tal pelo mercado e pela crítica (WERNECK, 2014, p. 21).

A historiadora Borges (2006: 212) comenta a produção editorial de biografia no mundo e afirma com subsídios dos dados divulgados pela revista *Veja*, em 26 de julho de 1995, “ao frenético ritmo de um lançamento a cada dois dias, as biografias só perdem para o segmento da autoajuda. Dez anos se passaram e a situação continua semelhante”.

3. A verdade no Jornalismo e na Biografia

A essência do jornalismo consiste em apurar e buscar a verdade dos fatos, caracterizando-se como o pilar central que norteia a prática profissional. Gabriel Garcia Márquez (1997: 46) na obra “Notícia de um Sequestro” afirma que “a investigação não é uma especialidade dentro da profissão, mas que todo jornalismo deve ser investigativo por definição”.

¹² Werneck (2014: 20) cita as obras de R. Magalhães Júnior no “teatro de Arthur Azevedo e Martins Pena (Arthur Azevedo e sua época; Martins Pena e sua época); a verve na atividade jornalística de Patrocínio Filho (A vida turbulenta de José do Patrocínio) e João do Rio (A vida vertiginosa de João do Rio); a fidelidade ao palco na vida de Leopoldo Fróes (As mil e uma vidas de Leopoldo Fróes); o talento Na páginas de Machado de Assis desconhecido e em Machado de Assis. Vida e obra, em quatro volumes (Aprendizado, Ascensão, Maturidade, Apogeu); a política nas páginas de Deodoro, uma espada contra o Império.

¹³ Nesse contexto, dois acervos se destacam. No primeiro, assinadas por jornalistas, figuram as biografias de brasileiros célebres do nosso século em atividades como o jornalismo, o teatro, a música popular, o futebol (O anjo pornográfico. A vida de Nelson Rodrigues, de Rui Castro; Chatô, o rei do Brasil, de Fernando Moraes; Vinicius. O poeta da paixão, de José Castello; Estrela solitária. Um brasileiro chamado Garrincha, de Rui Castro e O rebelde do traço. A vida de Henfil, de Dênis de Moraes). No segundo, reaparecem ensaios biográficos e biografias literárias escritos por um jornalista e duas professoras universitárias (João Cabral de Melo Neto. O homem sem alma e Na cobertura de Rubem Braga, de José Castello; Clarisse. Uma vida que se conta, de Nádya Gotlib e O salão e a selva. Uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade, de Maria Eugênia Boaventura).

Na apuração jornalística observa-se a importância da fonte, o trabalho de pesquisa, análise, ouvidoria, mas principalmente o empenho na busca das pistas, indícios e sinais, o exame dos dados, evidências, documentos e a averiguação dos fatos que juntos irão compor o produto jornalístico. Gerardo Reyes (1998) no artigo: “Intersticios del Periodismo de Investigación” ressalta o perfil deste tipo de jornalista, empenhado na descoberta dos fatos ocultos, o seu “olfato inquisidor”, o que remete à natureza de um *métier* que não se reduz ao exercício lógico, racional, mas inclui a intuição, o *feeling*, o presságio do investigador.

Ao debater o aporte teórico das técnicas do jornalismo presentes no universo das biografias aproximam-se os dois campos. A verdade é perseguida por ambos em seus trabalhos, como cita Vilas Boas (2008: 155) “A ideia de verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade é uma sombra no trabalho dos biógrafos. No meio jornalístico, então, é unânime que a primeira obrigação do jornalista é com a verdade”. Como aborda Luiz Viana Filho (1945: 53-54 e 57):

O biógrafo jamais conseguirá sair do seu trabalho com a satisfação dum matemático, que acaba de resolver uma equação e está seguro da exatidão dos resultados. Para ele, restará sempre margem de erro e de dúvida, consequência da nossa capacidade de discernir e estrinchar o eu há de complexo em qualquer existência... no estágio atual do conhecimento humano, poucas coisas poderiam ser tão jactanciosas, e por isso mesmo ridículas, quanto um biógrafo pretender haver escrito a “vida verdadeira” de alguém. Evidentemente, poderá fazê-lo, mas jamais poderá ter a certeza plena de haver conseguido. (VIANA FILHO, 1945, p. 53-54 e 57).

Sobre o tema da verdade, principalmente, para os ocidentais, segundo Vilas Boas (2008: 160) “significa apenas, ou sobretudo, fatos científicos. Fatos verificáveis, comprováveis”. Vilas Boas (2008: 153) também reflete sobre o seguinte aspecto as biografias acerca da verdade biografada; “o biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita?” E, por fim, lança um forte pensamento (2008: 160): “a verdade científica, que pauta os biógrafos, não é o mesmo que a verdade íntima, que pauta os biografados.” E explica:

A verdade, para a ciência, é sinônimo de objetividade. A objetividade é condição *sine qua non*, evidente e absoluta, de todo o conhecimento que se possa chamar de científico, no sentido clássico do termo. (...) A fenomenologia de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty também nos indica que a verdade não é um fato verificável, e buscá-la não é função exclusiva do intelecto. A verdade é uma motivação do ser humano como um todo, que evolui na direção consciente do pensar-sentir-agir. Mas não pode haver experiência sem

percepções, porque toda consciência é, em alto grau, consciência perceptiva (VILAS BOAS, 2008, p. 160-168).

A busca pela verdade norteia as práticas profissionais dos jornalistas e biógrafos. Para garantir a conquista e a supracia da verdade no produto profissional o compromisso com a ética¹⁴ conduzirá a seleção do material apurado assim como, a produção final do mesmo. Rogério Christofolletti no livro *Ética no Jornalismo* (2008: 11-12) afirma que “no exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção de trabalho”. Christofolletti (2008: 12) também observa o jornalismo como “trabalho duro, responsável e imprescindível para o desenvolvimento das sociedades”:

Voltamos nossos sentidos aos meios de comunicação como se estes funcionassem como extensão de nossos próprios corpos. As lentes das câmeras são nossos olhos à distância; os microfones e gravadores, nossos ouvidos; tomamos como referências pessoais as impressões olfativas, tácteis e do paladar, captadas pelos repórteres. Enfim, acreditamos nos homens e mulheres que se dedicam a apurar os fatos e traduzi-los à sociedade, e confiamos no aparato tecnológico que dá suporte a esta atividade. Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 28).

Costa (2009: 255) também reflete sobre a inerência do debate da ética na rotina profissional:

A ética e o seu contrário, a antiética, são imanentes ao fazer jornalístico. O jornalismo será ético ou não em função do sabor da hora, do lugar, da necessidade, do interesse, do olhar. Em especial nas condições industriais – nas quais o negócio da comunicação é o fator decisivo para a existência do próprio jornalismo e na sua configuração imposta pela indústria da cultura -, que tudo homogeneíza. (COSTA, 2009, p. 255)

A reflexão acerca do compromisso com a ética profissional engloba também a reflexão sobre a moral que em linhas gerais, o filósofo André Comte-Sponville na obra *Apresentações da Filosofia* (2002: 17-26) resume que “toda moral é a relação com o outro”.

¹⁴ E quando por questões de sobrevivência mercadológicas a ética é violada muitos profissionais recorrem-se à ética provisória para justificar as escolhas profissionais, como descreve Caio Túlio Costa na obra *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória* (2009: 252-253): “Os jornalistas utilizam um “código moral temporário” quando infringem aquilo que as normas tradicionais, ou mesmo do bom senso, definem como moralmente aceitável. (...) O jornalista, se não conhece teoricamente, ao menos intui o que possa ser uma moral definitiva do ponto de visto normativo, seja de forma mais aprofundada, seja do ponto de vista do senso comum. Sua moral provisória, portanto imperfeita, é convocada quando ele precisa dela interinamente, por uma razão qualquer que a moral idealizada por ele não acobertaria – quando, por exemplo, necessita contar uma “mentirinha” ou precisa usar uma “meia verdade” para alcançar um objetivo que considera nobre. Então ele esgrime o seu código moral provisório.”

O que é a moral? É o conjunto do que o indivíduo se impõe ou proíbe a si mesmo, não para, antes de mais nada, aumentar sua felicidade ou seu bem-estar próprios, o que não passaria de egoísmo, mas para levar em conta os interesses ou os direitos do outro, mas para não ser um canalha, mas para permanecer fiel a certa ideia da humanidade e de si (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 17-26).

A moral consiste em respeitar a humanidade em si próprio e no outro. Rousseau (1978: 254) destaca outra máxima voltada à moral na sociedade: “Faz teu bem fazendo o menor mal possível aos outros”. Ou seja, a ética é o exercício da moral, a aplicação do conjunto de imposições e proibições que o indivíduo realiza para preservar os direitos alheios. Comte-Sponville (2002: 19) aponta a solidão e grandeza da moral: “você vale única e exclusivamente pelo bem que faz, pelo mal que se proíbe fazer, sem nenhum outro benefício além da satisfação de fazer o bem – mesmo que ninguém jamais venha a saber do seu feito”.

4. O tempo no Jornalismo e na Biografia

“O que é o tempo? Se não me perguntarem, sei; se me pedissem para o explicar, seria incapaz de o fazer”, escreveu Santo Agostinho (Confissões, XI, p. 14-7)¹⁵.

O tempo é um pouco como o vento. O vento, a gente não o vê; vê os ramos que ele sacode, a poeira que ele faz subir. Mas o vento mesmo, esse ninguém vê. Eu me permito muitas vezes esta comparação: certamente vemos os efeitos do tempo, mas ninguém pode dizer que já viu o próprio tempo. Nós somos uma casa do tempo. Nosso corpo carrega todas as marcas dele, como se tratasse de intempéries. Somos os testemunhos, a prova do tempo. Mas não envelhecemos todos da mesma maneira, não morremos na mesma idade. Sabemos também que a felicidade queima o tempo, que os dias felizes passam depressa, e que a miséria o alonga, que ela é lenta, pesada e durável. Assim, não vivemos todos no mesmo subjetivo, que é o único no fundo que nos importa (CARRIÈRE, 1999, p. 165)¹⁶.

Refletir a cerca do nosso conceito de tempo (passado, presente e futuro) consiste em um desafio “inseparável da instituição social, e por isso o tempo vai sendo assimilado pela criança à medida que ela cresce numa sociedade em que ambas as coisas (tempo e sociedade) são consideradas evidentes”¹⁷, segundo o sociólogo Norbert Elias (1998: 63):

¹⁵ Vilas Boas, 2008, p. 223.

¹⁶ Vilas Boas, 2008, p. 228-229.

¹⁷ Vilas Boas 2008, p. 226.

Os conceitos de “passado”, “presente” e “futuro”, ao contrário, expressam a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiência que uma pessoa (ou um grupo) tem dela... Poderíamos dizer que “passado”, “presente” e “futuro” constituem, embora se trate de três palavras diferentes, um único e mesmo conceito (ELIAS, 1998, p. 63).

Deste modo, Vilas Boas (2008: 226) sintetiza o pensamento de Elias ao afirmar que: “passado, presente e futuro, segundo Elias, são três instâncias que designam o tipo de conceito que se faz necessário para a representação das ligações entre as experiências humanas”.

O jornalismo contribuiu diretamente para a construção da cultura do tempo presente através de alguns “fatores como: novidade, originalidade, simultaneidade dão sentidos temporais particulares às práticas sociais”, como defende Franciscato (2005: 63):

O jornalismo cria hábitos culturais e sociais que têm, em si, um componente temporal: a notícia estimula a interação entre as pessoas, seja na simultaneidade dos procedimentos de leitura quanto no debate direto dos conteúdos noticiosos, conduzindo para uma tomada de decisões visando a produzir uma ação pública. (...) Viver o presente se torna como que uma obsessão social, tanto pelos fatores culturais quanto pela organização de sociedades urbanizadas que dependiam da regulagem do tempo para obter um sincronismo de ações (FRANCISCATO, 2005, p. 63).

Franciscato (2005: 15) debate sobre a relação existente entre o jornalismo e o tempo e afirma: “o tempo presente é uma dimensão essencial ao jornalismo”.

A experiência social do tempo vem sendo afetada diretamente pela estrutura e atuação dos meios de comunicação, em particular a instituição jornalística. O fenômeno temporal é um componente essencial da definição e das relações que o jornalismo desencadeia na sociedade. O jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente. Ao fazer isto, o jornalismo atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social, enquanto produtor de formas específicas de sociabilidade. Consideramos o jornalismo uma criação institucional pela qual indivíduo e sociedade produzem a sua vivência social do momento presente. Situamos o jornalismo como uma das condições necessárias para esta vivência se realizar em alguns tipos de relações sociais (...) O presente é o tempo de referência para a ação humana ocorrer. O tempo do jornalismo está vinculado ao tempo de eventos¹⁸, temas e situações que estejam em ato, em constituição, em movimento (FRANCISCATO, 2005, p. 15-20).

¹⁸ Franciscato (2005: 21) declara que: “os eventos jornalísticos não são apenas marcadores simbólicos sobre o tempo presente, mas são definições temporais sobre modos de viver o presente”.

O jornalismo sofre diariamente pressão do tempo a partir do instante¹⁹ em que ocorreu o fato até a publicação, tendo o *dead-line* como seu principal mediador e o medo do furo jornalístico acompanhando toda a produção da notícia²⁰. Assim, Franciscato (2005: 99) descreve: “o jornalismo se realiza em um processo de tensão entre a velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento”:

O jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo. A atualidade é uma das razões de ser do jornalismo, pois ela se constrói e se consolida numa prática e num discurso com sentido temporal e destinado a mostrar não haver um desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. A ‘atualidade’²¹ é uma categoria construída prática e reflexivamente no jornalismo para afirmar a existência, nas estruturas mais internas e elementares de cada notícia, de uma relação de identidade temporal entre o evento e o relato produzido sobre ele (FRANCISCATO, 2005, p. 99-100).

A novidade jornalística atrai o público sedento por novas notícias. “O novo está inevitavelmente ligado ao ‘agora’, que é um incisivo marcador temporal do presente”²².

Diferentes aspectos de um evento podem ser tomados como ‘novo’ por diferentes públicos, mas compete à atividade jornalística tanto identificar aqueles que serão reconhecidos como novos por públicos mais amplos quanto torna-los mais facilmente reconhecidos, seja pela tipificação de seus traços

¹⁹ Franciscato (2005: 114-121) explica que: “os termos ‘instantâneo’ e ‘instantaneidade’ surgem para reforçar e qualificar tanto o sentido de imediatez ou rapidez de uma ação quanto de vinculação de um intervalo ínfimo de tempo (ou de sua virtual inexistência) ao momento presente. (...) O sentido predominante de instantaneidade que as experiências do jornalismo têm desenvolvido refere-se a uma desejada ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e a sua transmissão e recepção por um público. Em uma perspectiva histórica, é mais adequado falar não de uma conquista imediata deste sentido do instantâneo, mas de uma evolução gradativa na velocidade tanto da transmissão e distribuição da notícia quanto nos modos de sua produção. Velocidade e aceleração são, então, duas variáveis temporais que se desdobram dos modos de introduzir e operar inovações técnicas na sociedade e, mais estreitamente, no jornalismo. (...) A categoria da instantaneidade tem duas principais referências: a primeira alcança uma dimensão de materialidade física da atividade jornalística, relacionada aos processos de transmissão e distribuição da notícia (...) a segunda referência localiza-se numa dimensão sócio-cultural, na forma como ela se transforma em modelo e valor cultural de orientação tanto do jornalismo para o cumprimento de sua tarefa de produzir discursivamente um relato sobre o tempo presente quanto da sociedade para reconhecer no conteúdo jornalístico este papel e estas características”.

²⁰ Franciscato (2005: 134) afirma que: “por princípio, o jornalismo leva o leitor a ver o evento jornalístico não como um fragmento de algo que pertence ao passado, mas como um fragmento do presente, mesmo que tenha ocorrido há poucos momentos (...) o sentido que o jornalismo embute, no seu conteúdo e em seus estilos discursivos, de não haver um desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística, ou seja, de que está conseguindo ‘transportar’ o leitor para o ‘tempo do evento’.

²¹ Franciscato (2005: 134) descreve que: “a atualidade jornalística significa a manutenção deste vínculo intermitente entre o tempo do leitor e o tempo de evento, entre simultaneidade e instantaneidade, mesmo que às vezes o jornalismo tenha que recorrer a recursos simbólicos de construção discursiva deste sentido de tempo presente, como o uso, em jornais diários, de verbos no tempo presente em títulos de matéria sobre eventos ocorridos ‘no dia anterior’”.

²² Franciscato, 2005, p. 156.

básicos ou pela aplicação de formas e estilos ‘textuais’ (FRANCISCATO, 2005, p. 157-158)²³.

Franciscato (2005: 265) também observa outra relação entre o tempo e o jornalismo ao identificar que “o tempo presente, construção social que fundamenta o jornalismo, torna-se balizado por novas estruturas e práticas”²⁴:

A instantaneidade e a simultaneidade tornam-se experiências temporais concretas em alguns processos sistêmicos e relações sociais. Com isso, o jornalismo, por seu imperativo de produzir um relato sobre o tempo presente, é afetado por novos fluxos de informação, hábitos de leitura e interação social, tendo que redefinir seus modos de atuar socialmente (FRANCISCATO, 2005, p. 165).

O exercício jornalístico constitui uma ação pluralista sendo composta de diversas nuances que tecidas em conjunto dão forma ao conteúdo jornalístico principal, a notícia. Dessa maneira, Franciscato (2005: 262) finaliza a reflexão apontando que o jornalismo constrói uma temporalidade complexa em que utiliza de diversas formas do tempo na sociedade quanto de elementos de ordem cultural e normativa que juntos se articulam e compõem a substância do próprio jornalismo e conclui afirmando que: “é, portanto, esta pluralidade de temporalidades sociais e de relações temporais ligadas ao tempo presente que dá sentido e coerência à noção de atualidade jornalística”²⁵.

Na biografia, a temática do tempo vivencia outra experiência. Vilas Boas (2008: 211) classifica o tempo como tendo outra limitação narrativa e filosófica e apresenta duas visões distintas sobre o tema. Primeiro, utiliza do argumento de André Maurois²⁶ que defendia fielmente “seguir em todas as coisas a ordem cronológica” e a partir deste

²³ Franciscato (2005: 224) identifica no conteúdo jornalístico outro marcador de tempo e comenta que “o jornalismo afirma a sua temporalidade do presente não somente no momento da veiculação, mas também no seu conteúdo. O conteúdo do jornalismo está vinculado ao tempo presente não somente por mera coincidência ou convenção, mas porque a sua constituição histórica atribui-lhe o papel de produzir um recurso que fosse capaz, para a sociedade, agir coletiva ou coordenadamente em uma mesma temporalidade – o tempo presente. Por meio do conteúdo jornalístico, é possível pensar um tempo comum (o tempo presente da experiência social) sem que rompamos com a ideia que os atores sociais tenham outras experiências temporais em outras dimensões da vida.

²⁴ Para exemplificar a reflexão é possível citar os estudos culturais de Stuart Hall (1993: 226) em que “um acontecimento só ‘faz-sentido’ se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais ‘mapas culturais’ do mundo social, não poderiam ‘dar sentido’ aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é ‘noticiado’.

²⁵ FRANCISCATO, 2005, p. 262.

²⁶ Vilas Boas (2008:212) apresenta o biógrafo André Maurois “palestrante requisitado nas décadas de 1920 e de 1930, dava grande importância à cronologia, seguia o dogma da evolução humana em tudo idêntica à evolução das espécies.”

diálogo e com base em sua pesquisa de doutorado em que pode aprofundar o tema afirma que:

A maioria das biografias à venda neste 2006 são prisioneiras do calendário gregoriano aquele com dias de 24 horas cada e anos de 365 dias cada (ou 366, os anos bissextos, que ocorrem e quatro em quatro anos). É o que está nessa “folhinha” sempre ao alcance de nossos olhos. Biógrafos de qualquer formação profissional narram episódios biográficos numa progressão que vai sempre, e no mínimo, do nascimento à morte, com base nessa tal “folhinha” arbitrada (VILAS BOAS, 2008, p. 212).

A reflexão avança sob os olhares de biógrafos contemporâneos como Leon Edel²⁷ que defende “a biografia de qualquer indivíduo seja recriada partindo de um passado total e não apenas do calendário mecânico”:

O tempo humano não está de acordo com o tempo dos relógios, e nosso modo mecânico de medir as horas não leva em conta a riqueza da vida contida em um único momento em que se pode abarcar a experiência de décadas (VILAS BOAS, 2008: 216).

Vilas Boas (2008: 239) reflete que “a visão de tempo na biografia passa a envolver passado, memória²⁸ e trama (...) o tempo na biografia poderá ir e vir, desde que o biógrafo teça os enredos”:

A trama gera ação humana não apenas dentro do tempo, mas dentro da memória de quem acompanha a narrativa. Portanto, trama e memória são elementos temporais em planos bastante diversos: o plano do biógrafo, o plano do biografado, o plano do processo de biografar, o plano de quem lê (...). Outro aspecto são as dimensões do tempo e dos espaços narrativos: 1) dimensão física, transcorrida no espaço-tempo onde os pés do biografado pisam ou pisaram; 2) a dimensão psicológica individual e coletiva – o tempo interior; 3) a dimensão do contexto, que ocorre fora do alcance físico e que é dependente ou independente da vontade; e a dimensão imprevista – não-manifesta (VILAS BOAS, 2008, p. 236-239).

Assim, Vilas Boas (2008: 230) se refere a narrativa biográfica simbolizando com a imagem de uma espiral e aponta o equilíbrio entre a pesquisa biográfica documental e as entrevistas realizadas como o caminho almejado para a biografia “desviar-se do contexto construído com fontes estáticas, que não se alteram *per se* e são externas ao

²⁷ Leon Edel foi biógrafo de Henry James. E defendia o processo do edifício biográfico como Vilas Boas (2008: 216) explica: “ao ir atrás e adiante no tempo e ainda submergir-me no futuro que, para nós, leitores, pertence ao passado, no fim das contas, estou considerando o tempo como ele existe na realidade, ou seja, como algo fluido, irregular e com memória, como algo vivo, oscilante e evanescente. Me nega a ver-me encarcerado pelo relógio e pelo calendário”.

²⁸ Vilas Boas (2008: 232) afirma que “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, e esse tempo não flui uniformemente. Em cada sociedade, o homem torna o tempo um componente humano”.

sujeito, e encontrar um equilíbrio entre o estático (os documentos) e o dinâmico (as lembranças)”.

Referências bibliográficas

BOAVENTURA, SÃO. **São Boaventura bispo e reconhecido doutor da Igreja de Cristo**. Disponível em: <<http://santo.cancaonova.com/santo/sao-boaventura-bispo-e-reconhecido-doutor-da-igreja-de-cristo/>> Acesso em: 15.07.2016.

BORGES, Vavy Pacheco. **Fontes biográficas grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COMTE-SPONVILLE, André. A moral. In: **Apresentações da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, Jornalismo e Nova Mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

HUNTER, Paul. **News, and new Things: Contemporaneity and the Early English Novel**. *Critical Inquiry*. Vol 14, Spring, 1988, p. 493-515.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.

MÁRQUEZ, GABRIEL GARCIA. **Notícia de Um Sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
REYES, Gerardo. **Interstícios Del Periodismo de Investigación**. Primera Epoca, volume 1, ano II, 1998. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art12.htm>>. Acesso em: 10.09.2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem e o Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978a (Col. Os Pensadores, 2. ed., p. 201 a 320).

[R1] Comentário: Verificar os autores que não estão presentes no texto e tirá-los daqui!

SANTO AGOSTINHO, **Confissões**, IN-CM, Lisboa, 2001.

SIMS, Norman. **The Literary Journalists** – The New Art of Personal Reportage. New York: Ballantine, 1984.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa – Ação**. 10^o - ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

WERNECK, Maria Helena. **Sobre a biografia no Brasil**: historicidade e práticas de escrita. In FULKELMAN, Clarisse. **Eu assino embaixo: memória e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.